



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**MODALIDADE A DISTÂNCIA**

**MARIA CRISTIANE LUCAS XAVIER**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO E**  
**VIVÊNCIA NA PRÉ-ESCOLA**

**ITABAIANA- PB**

**2013**

**MARIA CRISTIANE LUCAS XAVIER**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO E  
VIVÊNCIA NA PRÉ-ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Licenciatura Plena em Pedagogia na  
Modalidade à Distância, do Centro de  
Educação da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para obtenção do  
título de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof. Ms. Nayara Tatianna  
Santos da Costa

**ITABAIANA- PB**

**2013**

**MARIA CRISTIANE LUCAS XAVIER**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NOS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO E  
VIVÊNCIA NA PRÉ-ESCOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Licenciatura Plena em Pedagogia na  
Modalidade à Distância, do Centro de  
Educação da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito para obtenção do  
título de Licenciada em Pedagogia.

**APROVADA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Nayara Tatianna Santos da Costa  
Orientadora

---

Prof.  
Examinadora

**ITABAIANA- PB**

**2013**

“Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo.”

(Paulo Freire)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sua infinita bondade e por permitir mais uma conquista em minha vida.

Aos meus pais por tudo que me ensinaram.

As minhas irmãs pelo estímulo e pela compreensão durante o percurso rumo a este objetivo final.

Aos meus amigos, familiares em geral, que contribuíram carinhosamente e me encorajaram a nunca desistir.

Ao meu esposo que esteve sempre ao meu lado nos momentos que eu mais precisei.

As minhas filhas Sheylla Cristine e Joanna de Angelis, por compreenderem que em muitos momentos não pude estar ao seu lado, pois a dedicação precisava ser intensa.

Ao professor Dr, Jorge Fernando Hermida Aveiro pela atenção e compreensão para que pudéssemos chegar a conclusão dos nossos objetivos.

A todos os professores e mediadores da UFPB- Virtual que estiveram conosco desde o marco inicial até esta etapa final.

A nossa querida tutora presencial Alcione Cristina Nunes Oliveira pelas orientações e compreensão que sempre teve conosco.

A minha orientadora Nayara Tatianna Santos da Costa, que carinhosamente me auxiliou na elaboração deste trabalho, e me fez acreditar ser capaz.

A todas colegas de caminhada, aquelas que conseguiram chegar ao término e aquelas que motivos variados ainda se encontram no caminho.

A todos que acreditam no meu trabalho, na minha coragem e determinação de lutar por uma educação pública de qualidade.

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho às minhas duas filhas, Sheylla Cristine e Joanna de Ângelis, meus dois grandes amores, que me ensinaram a amar a vida e amar as pessoas apesar dos seus defeitos.*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão a respeito da importância da afetividade na relação entre professor e a criança da pré-escola, apontando para constatação de que a afetividade pode determinar o sucesso de uma criança na escola e em sua vida futura, portanto a afetividade não pode ser ignorada no ambiente escolar, uma vez que está presente no ser humano desde o seu nascimento, porém é uma condição que não aparece pronta e sim vai sendo construídas nas relações cotidianas, por isso a necessidade dos educadores da pré-escola proporcionarem as crianças um ambiente acolhedor, reconhecendo que a afetividade pode interferir de maneira positiva para o desenvolvimento integral da criança. Os principais objetivos da pesquisa foram analisar a importância da afetividade na relação entre o professor e as crianças e de que forma a mesma auxilia no processo de adaptação e vivência na pré-escola, e de que maneira esta relação contribui para o desenvolvimento da criança e como ocorrem as relações afetivas na pré-escola. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho apoiou seus estudos buscando uma fundamentação em teóricos como: Piaget, Wallon, Cury, Freire, Chalita, entre outros e para produção dos resultados foram consultadas obras relacionadas ao assunto em livros, periódicos e páginas da internet, que comentam apontam a afetividade como sendo indispensável ao ato de educar. Os resultados mostram a necessidade de o educador ampliar seus conhecimentos sobre afetividade, refletir constantemente sobre sua prática pedagógica, buscando uma maior formação no que diz respeito a administração de conflitos humanos para saber lidar com as crianças, propiciando as mesmas condições para que elas sintam-se capazes para enfrentar os desafios da vida elevando sua autoestima e sua confiança em si mesmo, bem como entendam que a afetividade é um ato de respeito e acima de tudo amor, pois não pode existir educação sem amor.

**Palavras-chave:** Afetividade, Relação professor-aluno, Educação infantil.

## ABSTRACT

This paper presents a discussion about the importance of affectivity in the relationship between teacher and child in preschool, pointing to evidence that affectivity can determine a child's success in school and in later life, so affectivity can not be ignored in the school environment, since it is present in humans since birth, but is a condition that does not appear ready but is being constructed in everyday relationships, hence the need for preschool educators of children provide one welcoming environment, recognizing that affectivity can interfere positively to the development of the child. The main objectives of the study were to analyze the importance of affectivity in the relationship between teacher and children and how it helps in the process of adaptation and survival in pre-school, and how this relationship contributes to the development of the child and occur as affective relationships in preschool. Because it is a literature, this study supported their studies seeking a foundation in theoretical as Piaget, Wallon, Cury. Freire, Chalita, among others and production results were consulted works related to the subject of books, journals and web pages, that comment link affectivity as indispensable to the act of educating. The results show the need for the educator to expand their knowledge about affection, constantly reflect on their practice, seeking greater training regarding the administration of human conflict for coping with children, providing the same conditions so they feel- be able to face the challenges of life by raising their self-esteem and confidence in yourself and understand that affectivity is an act of respect and above all love, because education can not exist without love.

Keywords: Affection, teacher-student relationship, childhood education .



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 AFETIVIDADE: ALGUNS CONCEITOS.....</b>	<b>13</b>
2.1- AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	16
2.2 - A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÉ-ESCOLA.....	19
2.3 - O PAPEL DA AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA.....	21
<b>3 AS RELAÇÕES AFETIVAS EXISTENTES NAS SALAS DE AULAS DA PRÉ- ESCOLA.....</b>	<b>27</b>
3.1- A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA.....	29
3.2- FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA.....	33
<b>4 CARACTERIZANDO A PESQUISA.....</b>	<b>37</b>
4.1- TIPO DE PESQUISA.....	37
4.2- RECURSOS DA PESQUISA.....	38
4.3 - MODALIDADE DE PESQUISA.....	39
4.4- ANÁLISE DOS RESULTADOS: A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM.....	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>6- REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação, pode-se perceber que a mesma é um processo complexo e envolve muito mais que o aprendizado dos conteúdos. Embora este aspecto receba a maior parte das atenções de muitos professores, outros aspectos devem também ser tratados com muita atenção por nós educadores, a exemplo das relações afetivas entre professores e alunos no ambiente escolar especialmente na pré-escola.

A dimensão afetiva é um fator muito importante e merece ser tratada com bastante carinho quando pretendemos compreender o desenvolvimento da aprendizagem da criança, uma vez que para entendermos o desenvolvimento da aprendizagem de uma criança precisamos compreender que a afetividade tem uma contribuição direta neste processo e não deve ser ignorada.

Para Vygotsky (2000, p.146):

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Nos dias atuais é possível perceber a preocupação de professores, psicólogos no que se refere a importância da afetividade para o desenvolvimento pleno do ser humano e sua contribuição no processo de aprendizagem. Segundo FREIRE (1997, P.47), às vezes nem conseguimos imaginar o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que um gesto aparentemente insignificante pode valer como força formadora ou como contribuição à formação do educando.

A afetividade não é uma condição que aparece pronta na criança, ela vai sendo construída aos poucos nas relações cotidianas, por isso a necessidade dos educadores trabalharem de maneira que as crianças sintam-se acolhidas proporcionando um clima agradável em sala de aula, é assim que as relações afetivas vão se fortalecendo e na medida em que a criança sente-se valorizada pelo professor, em que ela passa a admirar e respeitar o professor, a criança vai estar emocionalmente equilibrada e

confortável, e o ato de aprender tornar-se um ato prazeroso, sendo assim as crianças necessitam de bastante atenção, carinho e elogios, uma vez que as relações afetivas em sala de aula podem contribuir bastante para o sucesso do processo educativo. A partir do momento em que há afetividade, a sala de aula torna-se agradável e convidativa e não uma tortura ou uma chateação.

E é na interação em sala de aula entre professor e aluno, principalmente na fase pré-escolar onde acontecem diversas situações que propiciam esta interação na sua dimensão socializante a qual prepara o indivíduo para a convivência em sociedade.

A escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento sócio-afetivo da criança, com nos afirma, ALMEIDA (2001, p. 99):

Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa, na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições. Dessa forma, o professor e os colegas são interlocutores permanentes tanto no desenvolvimento intelectual como do caráter da criança, o que poderá ser preenchido individual e socialmente.

Portanto justificamos este estudo, que trata da Importância da relação afetiva entre o professor e a criança, por entender que a presença do afeto entre professores e alunos interfere significativamente nos relacionamentos, no desempenho da criança, como também no processo de adaptação e vivência na Pré-escola. Nesse sentido, nos questionamos sobre de que maneira a relação afetiva entre o professor e a criança interfere no desenvolvimento e aprendizagem da educação infantil, auxiliando no processo de adaptação e vivência na pré-escola? Assim acreditamos que o tema da afetividade no processo de ensino-aprendizagem ganha consistência, na medida em que colabora com a construção da personalidade e a constituição de um cidadão ativo, capaz de respeitar a opinião dos demais e de defender os seus próprios direitos.

Entendemos, portanto que quando a criança é tratada com afeto, transforma-se num ser capaz de enfrentar os problemas que venham surgir durante a sua vida, precisamos ressaltar que a criança traz para o ambiente escolar uma afetividade que foi desenvolvida com seus familiares, portanto cabe ao professor e aos profissionais

envolvidos nesta relação propiciar um ambiente acolhedor e de compreensão para que as crianças possam desenvolver suas potencialidades.

Pretendíamos desse modo, analisar a importância da relação de afeto entre os professores e as crianças para os processos de adaptação, vivência e desenvolvimento da criança no âmbito da educação infantil especialmente na pré-escola, e especificamente refletir sobre a importância da relação de afeto entre o professor e as crianças e como essa relação pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança, como também refletir as relações afetivas na pré-escola e ao mesmo tempo compreender como essas relações interferem no processo de adaptação, vivência e aprendizagem na pré-escola.

O desenvolvimento desta monografia baseou-se na pesquisa bibliográfica, onde pretendíamos analisar a importância da afetividade para processos de adaptação, vivência e desenvolvimento da criança no âmbito da educação infantil especialmente na pré-escola, a partir da contribuição de vários teóricos como: Cury (2006), Freire (1994), Silva (2013), Tiba (2002), Vygotsky (1991), Wallon (2003), entre outros, e buscamos obter o máximo de informações a fim de contribuir para o entendimento dos questionamentos que motivaram esta monografia.

A referida pesquisa é de caráter qualitativo, quanto aos seus objetivos, esta se constituiu de uma pesquisa descritiva onde utilizamos todo material impresso que esteve a nosso dispor, como livros, artigos, revistas e principalmente material eletrônico, que nos dias atuais são os que estão em maior quantidade a nossa disposição.

Para melhor apresentação do tema e objetivos propostos nessa monografia, são percorridos no primeiro capítulo deste trabalho alguns conceitos a respeito do termo afetividade, como esta acontece no desenvolvimento infantil, sua importância na pré-escola e o seu papel na construção da auto-estima. O capítulo II discorre sobre as relações afetivas existentes nas salas de aulas da pré-escola, a contribuição da afetividade na auto-estima da criança e a função social da escola.

Diante do exposto e para elucidação da importância da relação de afeto entre os professores e as crianças nos processos de adaptação e vivência no âmbito da educação infantil, o capítulo III tratará da caracterização da pesquisa, tipo de pesquisa e recursos utilizados, e finalizamos analisando como a afetividade interfere no processo de ensino-aprendizagem.

## 2 - AFETIVIDADE: ALGUNS CONCEITOS

A afetividade está presente no ser humano desde o seu nascimento e o acompanhará durante toda a sua existência, não podendo a mesma ser entendida apenas como a tradução de afetos, pois englobam os sentimentos, as emoções resultantes das experiências vividas pelo indivíduo e as mais variadas formas de expressão.

A afetividade é sem dúvida um dos componentes necessários na constituição da inteligência. Como expressa Piaget (1983, p. 234), “vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas”.

O termo afeto constitui-se como o principal componente da afetividade. De acordo com a definição do Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010, p. 36), o verbete afetividade está conceituado assim: “Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”.

Uma das dificuldades na análise da afetividade é a definição do que significa realmente esta palavra. Numa linguagem geral, o afeto relaciona-se com sentimentos tais como ternura, carinho e simpatia. Em várias obras de literatura, vemos que a afetividade esta relacionada aos mais diversos termos: emoção, motivação, estados de humor, paixão, sentimento, personalidade, atenção, temperamento e muitos outros - num grande número de vezes, confundida com emoção. O número de definições científicas sobre o termo emoção varia muito, havia mais de uma centena de definições, até 1981, listadas por Kleinginna e Kleinginna (apud, ALMEIDA, 2007), já que a afetividade é estudada em diversos campos do conhecimento e não apenas interdisciplinarmente.

Dos muitos autores que estudaram o tema, ajustando aspectos psicológicos com educacionais, podemos destacar Henri Wallon (1879-1962), médico e educador francês. Para Wallon, a emoção estaria incluída ao elemento biológico do comportamento do indivíduo, fazendo alusão a uma reação de ordem física. Já a afetividade teria uma significação mais ampla, no qual se fixam várias manifestações - das primeiramente orgânicas (primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a

criança experimental, como a fome ou a saciedade) às manifestações relacionadas ao social: sentimento, paixão, emoção, humor, etc. (ALMEIDA, 2007; BERCHT, 2001).

Wallon (2003), ainda referindo-se a questão da afetividade ressalta a importância desta dimensão não apenas no processo de aprendizagem, mas essencialmente no funcionamento do desenvolvimento humano.

Dessa maneira, pode-se entender a afetividade como todo o comando das emoções, dos sentimentos dessas mesmas emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, com a probabilidade de se entrar em contato com sensações, fazendo referência às experiências humanas e às formas de expressão mais complexas e exclusivas dos indivíduos.

Como criador da Epistemologia Genética Piaget admitiu que a afetividade é o elemento que motiva a atividade cognitiva. Para ele, a afetividade e a razão constituiriam termos complementares: “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações” (LA TAILLE, 2002, p. 22).

Para Vigotsky o desenvolvimento pessoal seria atuado em dois níveis: o do desenvolvimento potencial ou proximal (relacionado às capacidades a serem construídas) e o do desenvolvimento real ou efetivo referente às conquistas realizadas. Em vários estudos Vigotsky é considerado cognitivista por ter se preocupado, sobretudo com os aspectos da funcionalidade do pensamento. No entanto, ele discutia a dualidade entre os planos afetivos e cognitivos quando analisa que a psicologia tradicional erra em dividir os aspectos intelectuais dos afetivos-volitivos (OLIVEIRA, 2002). Vigotsky afirmava que “os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas” (OLIVEIRA, 2002, p. 76).

As contribuições de Vigotsky, Wallon e Piaget estão sendo revistos pelos educadores para entenderem a percepção intuitiva dos pais e educadores de que as vivências e os laços afetivos influenciam os processos de ensino-aprendizagem.

Na abordagem de educação construtivista, a preocupação com o modo de ensinar passa a ser tão valioso quanto o conteúdo ensinado. Por isso, a intensidade das relações, as características afetivas emocionais, a dinâmica das expressões e as

maneiras de comunicação passam a serem conjecturas para o processo de construção do aprendizado.

Em relação a afetividade Almeida (1999, p. 42), ao mencionar Wallon, diz que “atribui à emoção, os sentimentos e desejos, como sendo manifestações da vida efetiva que tem um papel fundamental no processo dos desenvolvimento humano”.

A afetividade também pode ser entendida como o conhecimento estabelecido pela convivência, não se limitando apenas ao contato físico, mas à interação formada entre as pessoas envolvidas, onde todas as ações comunicativas, por manifestarem comportamentos, sentimentos, intenções, valores, crenças e desejos, alcançam as relações e, conseqüentemente, o processo de aquisição da aprendizagem.

Compreender o educando como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente ao mesmo tempo, e admitir a afetividade como elemento importante no processo de constituição do conhecimento, leva-nos a outra visão sobre a prática pedagógica, não limitando o processo ensino e aprendizagem apenas ao espaço cognitivo.

O olhar do docente para o seu aluno é fundamental para o sucesso e o desenvolvimento do seu aprendizado, inclusive dando crédito para suas opiniões, valorizando suas sugestões e ideias, observar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar-se aberto, promovendo diálogos mútuos. Como diz Almeida: "A transmissão do conhecimento implica numa interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente" (ALMEIDA, 2007, p. 25). Para Piaget (2001, p. 87),

É irrefutável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas, também não é suficiente.

O autor supracitado ainda define a afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não racionais (razão), sendo o afeto um elemento indiferenciado do domínio da afetividade (PIAGET, 2001). Ele declara que o afeto é uma potência essencial para o desenvolvimento cognitivo. Estudos que associam suas



pesquisas e também de Freud explicam que a afetividade influencia na construção do conhecimento de forma fundamental pela pulsação de vida e da busca pela excelência.

Portanto, fica evidente a contribuição da afetividade no desenvolvimento reflexivo do ser humano, e nas suas relações básicas, que pode ser expressa nas emoções, na verdade representa um papel fundamental para a socialização do ser, garantindo-lhe até mesmo uma vivência mais harmoniosa, compartilhada de valores, crenças e afetos peculiares de cada cultura, sendo assim através da afetividade a personalidade de uma criança é formada.

## 2.1 - AFETIVIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Para entendermos o desenvolvimento infantil, é preciso considerar a criança como um ser geneticamente social que está em constantes relações com o meio que se encontra inserida. Sendo assim as pessoas com as quais a criança convive tem grande influência sobre ela, pois são elas que estão ao seu lado para atender seus desejos e suas necessidades básicas para o funcionamento normal do seu corpo, como também as necessidades afetivas. Diante disso fortes vínculos de afeto se estabelecem com essas pessoas que a criança tem contato direto na sua fase inicial da vida.

Portanto a infância é uma etapa profundamente importante, como sendo o período de adaptação do ser ao meio físico e social. De acordo com Wallon (1998), os progressos da criança não são uma simples adição de funções. O comportamento de cada idade é um sistema em que cada uma das atividades já possíveis concorre com todas outras, recebendo do seu conjunto o seu papel.

Wallon (1998, p.194) diz que:

As primeiras relações utilitárias da criança não são as relações com o mundo físico, as quais, quando aparecem, começam por ser puramente lúdicas; as relações humanas, as relações de compreensão cujo instrumento necessário são os meios de expressão [...].

Entendemos com esta afirmação de Wallon que o aparecimento da afetividade é anterior ao da inteligência e que no início da vida da criança, afetividade e inteligência aparecem misturadas, mas a afetividade predomina sobre a inteligência. Portanto, as influências afetivas que envolvem a criança desde o nascimento, sobretudo aquelas estabelecidas por meio das relações que mantêm com os outros são determinantes na sua evolução psíquica. Isso porque, o desenvolvimento da afetividade e da inteligência tem base orgânica e social ao mesmo tempo, ou seja, mesmo as crianças possuindo as condições biológicas de desenvolvimento, necessitarão das condições sociais.

Enfatiza ainda que o papel da emoção no desenvolvimento humano, pois, todo o contato que a criança estabelece com as pessoas que cuidam dela desde o nascimento, é feito de emoções e não apenas cognições.

Em relação a afetividade ( PIAGET, 1983, p. 234) diz que:

Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda realidade psíquica, pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo, portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer condução humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente.

Piaget foi um dos grandes estudiosos da Psicologia do desenvolvimento, dedicando-se especificamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo, portanto, concluímos que afetividade e inteligência, não aparecem prontas nem permanece imutável. Ambas se modificam ao longo do desenvolvimento humano e a medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas tornam-se cognitivas, o que nos faz acreditar que uma relação amorosa entre a criança e as pessoas que a rodeiam desempenha importante papel na vida da criança e conseqüentemente na formação da sua personalidade. Sendo assim uma relação afetiva e amorosa com a criança futuramente contribui para a socialização e inteligência da criança.

Segundo Wallon (1998), seria contrário a natureza tratar a criança de forma indissociada e fragmentada, já que para ele, a cada idade da criança se constitui um todo indissociável e original e que seria na sucessão das suas fases que ocorreria uma metamorfose contínua.

Portanto o motor, o afetivo, o cognitivo devem ser entendidos como uma rede de relações que é determinada pelos fatores orgânicos e sociais. Dessa forma observamos que a afetividade e a inteligência juntamente com a motricidade são elementos inseparáveis na evolução psíquica da criança, pois ambas tem papéis bem definidos e integrados, permitindo à criança alcançar níveis de pensamento cada vez mais elevados.

Vigotsky em seus estudos sobre o desenvolvimento humano, afirma que a pessoa deve ser entendida como um todo, compreendendo suas bases, afetiva e intelectual. Para ele separar o intelecto do afeto, enquanto objeto de estudo impede qualquer análise do processo de influência da pessoa sobre o afeto e vice-versa.

Existe um forte laço que liga o desenvolvimento cognitivo e o afetivo, em todas as etapas do desenvolvimento psíquico infantil, ou seja, existe uma relação muito íntima entre a afetividade e a inteligência.

É importante lembrarmos que é a afetividade que leva a tomada de atitude, ou seja, é a vontade, a motivação e o interesse que atuam como impulsionadores para a conduta, e os apoios de que a criança possui para agir referem-se às funções cognitivas desta. Podemos notar que é desta relação que se considera a afetividade como importância fundamental na constituição da Inteligência; ou melhor, a afetividade refere-se aos desejos, sentimentos, aos valores e vontades, às emoções, que dão apoio às ações.

Segundo Silva (2013, p. 01):

No momento em que a criança encontrar-se perturbada afetivamente por alguma razão e, conseqüentemente, se encontrar triste, ansiosa, com baixa autoestima, desanimada, etc., seu desenvolvimento geral poderá ser afetado com um atraso, pois suas infelizes preocupações convertem suas energias em outra direção.

De acordo com Wallon (2003, p. 45), “cada uma das fases do desenvolvimento apresenta uma construção de estruturas específicas de inteligência que são indispensáveis para que a criança prossiga para a fase seguinte”. Assim, sucedendo-se um conflito afetivo (ou falta de estímulos importantes) pode ocorrer um retrocesso em

seu desenvolvimento, pois as estruturas intelectivas, necessárias no pleno desenvolvimento da criança, não evoluíram satisfatoriamente.

Seguindo este contexto, o atendimento educacional e psicopedagógico devem ter como finalidade realizar a avaliação do desenvolvimento cognitivo (as “estruturas de inteligências”) e do afetivo. Partindo dos resultados achados, colocar em prática uma metodologia que intervenha e estimule, através de jogos e materiais diversificados, promover a reabilitação do processo de equilíbrio cognitivo e o desenvolvimento do afeto no discente.

Assim, compreendemos que a afetividade e a inteligência são aspectos que não se separam, relacionados intimamente e que são influenciados diretamente pela socialização, onde toda conduta humana e seu aspecto cognitivo são indissociáveis do aspecto afetivo, que pode ser considerado como o elemento impulsionador da ação que permite o comportamento motivador (GOLSE, 2008; ALMEIDA, 2007).

Percebemos assim que intelecto e afeto não se separam, quando se busca entender o ser humano em sua totalidade e que a integração entre esses dois aspectos, o afetivo e o cognitivo, interrelacionando-se promovem o desenvolvimento da criança.

De acordo com os estudos de Wallon e Vigotsky podemos concluir que a afetividade é vital nos seres humanos de todas as idades, mas especialmente, no desenvolvimento infantil e que a afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos no relacionamento com o outro, toda sua vida, desde seu nascimento.

Sendo assim entendemos que o desenvolvimento humano depende da interação que ocorre com as outras pessoas e da relação com os objetos culturais, sendo a presença do outro determinante para o desenvolvimento do afeto e do intelecto. Podendo a afetividade ser considerada como o conhecimento construído através da vivência, entendendo por vivência a relação afetiva da criança com o seu ambiente, pois é preciso entender o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente ao mesmo tempo, reconhecendo também a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento.

## 2.2 - A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA PRÉ-ESCOLA

As relações humanas são sem dúvidas fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo, especialmente aquelas decorrentes no âmbito da educação infantil, e por ser a educação uma das fontes mais importantes do desenvolvimento do ser e da construção de valores.

Almeida (2001, p.14) diz que:

É evidente que a pré-escola é um espaço onde as emoções são mais frequentes e transparentes e o professor tem um papel essencial no desenvolvimento afetivo da criança. Para muitas, o afeto da professora pode significar a continuação da permanência na escola. A entrada na escola sempre é uma situação delicada e difícil, pois representa o primeiro afastamento da família, situação para a qual, frequentemente, as crianças não estão preparadas.

Neste contexto é preciso destacar que o papel do professor frente ao desenvolvimento infantil, pois a ele cabe proporcionar experiências diversificadas e enriquecedoras a fim de que as crianças possam fortalecer sua auto-estima e desenvolver suas capacidades. Essa deve ser uma relação amorosa onde o professor deve auxiliar a criança a construir uma imagem positiva de si mesma, apoiando-a e aceitando-a sempre que for preciso.

De acordo com Freire (1996, p. 34-5), “o saber necessário a prática educativa é o respeito a autonomia e à dignidade de cada um, constitui-se pois um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.

Para que haja uma relação harmoniosa os professores das instituições de Educação Infantil precisam adotar um comportamento ético para com as crianças, evitando que as mesmas possam ser constrangidas, Portanto deve demonstrar a mesma atenção por todas as crianças, tratando-as com igualdade sem nenhuma distinção, passando para elas um sentimento de segurança, amparo, afeto e proteção.

Afirma Chalita (2001), que ser um professor comprometido com uma educação baseada no afeto é sem dúvida uma proposta desafiadora. E coloca a afetividade como elemento primordial na relação educador/educando, para que a escola forme cidadãos capazes de interferir de forma ativa e consciente no meio em que estão inseridos,

colaborando para a construção de uma sociedade igualitária e verdadeiramente pacífica.

Essa relação afetiva entre professor e aluno é fundamental nas escolas de Educação Infantil, pois através dela a criança sente-se motivada e segura para vivenciar novas etapas da sua vida, onde terá o acompanhamento do professor dedicado a criar condições para o seu desenvolvimento integral.

Entendemos que o processo de aprendizagem na Educação infantil não consiste apenas na relação proveniente da instrução dos professores que ocorrem durante a prática escolar, mas também no lançamento das bases afetivas que irão formar e desenvolver o futuro adulto, possibilitando a construção de um componente do equilíbrio da personalidade, a afetividade que é muito importante na vida de qualquer ser humano.

Segundo Almeida (2001, p. 16):

Não basta aceitar a afetividade como um aparato das relações com o conhecimento. É necessário entendê-la como uma companheira fiel da inteligência; afirmar sua ausência é desconhecer a relação afetividade inteligência no desenvolvimento humano.

Neste processo o professor desempenha uma função fundamental, pois é ele quem vai intermediar junto à criança, estando a seu lado caminhando junto, e em outros momentos incentivando para que ele caminhe só, mas sempre dando-lhe a garantia de que está bem próximo, posicionando-se como aquela mão segura que estará sempre estendida nos momentos necessários.

É de fundamental importância que a relação predominante no ambiente escolar, esteja incontestavelmente baseada no amor, esse sentimento inovador que tudo pode transformar e que o professor saiba lidar com as emoções da criança, entendendo seus conflitos e desafios, e que a emoção é uma ferramenta tão importante quanto o pensamento, portanto as emoções devem constituir o fundamento do processo educativo.

### 2.3 - O PAPEL DA AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

A culminância da inteligência é o desenvolvimento progressivo das estruturas operacionais e pré-operacionais. Tentando compreender a duplicidade da relação inteligência e afeto, podemos considerar que o afeto faz ou pode originar a formação de estruturas cognitivas. A análise da dualidade nestas relações é muito interessante para vários autores.

“O esquema do objeto permanente - as descobertas que o bebê faz sobre a permanência do objeto quando ele some do seu campo visual - é causado por sentimento, por relações objetais”, afirma Charles Odier em seu estudo criterioso das relações entre psicanálise em psicologia infantil (ODIER, op. cit., COLL, 2007, p. 58). Dessa maneira, passamos a compreender melhor as relações de afeto entre a criança e as pessoas a sua volta. Consequentemente, as relações de afeto entre a criança e os adultos que a cercam, são as responsáveis pela formação de suas estruturas cognitivas.

Segundo o que afirmava Freud, os dados obtidos através da psicanálise possuem efeitos muito úteis na compreensão das relações entre as pessoas, especialmente afirmando que o objeto em questão (o modo como vemos os outros seres humanos) é um objeto particular desenvolvido por nosso mundo interno imaginário e que muda conforme nossas implicações, em função de nosso próprio histórico de experiências e de nossos momentos de afetividade (PIAGET, 1976, apud GOLSE, 2008).

Wallon (2003) mostra o universo afetivo com item bastante significativo na sua teoria psicogenética, indicando a diferença entre emoção e afetividade. Já Coll procura uma nova visão para estes paralelos (COLL, 2007, p. 61): “Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente (...)”.

Na verdade, Wallon não fez nenhuma distinção entre os aspectos afetivos dos cognitivos. Seus estudos são voltados para os sentimentos como formadores intermediários entre o corpo, reflexos, suas funções e as condutas psíquicas adaptáveis. A ação está intensamente ligada com o movimento, e as atitudes simbolizam as figuras primordiais de comunicação e expressão que irão ser usadas como apoio para o pensamento constituído, antes de qualquer coisa, como um dos

modos de atuação. Para Wallon, a base de todo pensamento é o movimento. Sendo a emoção a fonte do conhecimento, ela é a primeira maneira de interação com o meio exterior (WALLON, 2003; LA TAILLE, 2002).

Podemos dizer também que o afeto elucida o retardamento ou a aceleração do desenvolvimento estrutural; aceleração quando nos referimos às necessidades ou interesses; retardamento diz respeito aos casos de que quando o estado afetivo é um obstáculo para o desenvolvimento intelectual. Nesse conceito, o afeto explica o retardamento ou aceleração, mas não o surgimento da formação estrutural. Mesmo sendo uma condição indispensável, somente a afetividade não é suficiente para a formação social, ética e moral do indivíduo, que precisa da inteligência cognitiva para tornar-se um ser humano pleno.

De acordo com Santos (2012, p. 01):

Inicialmente levando em conta que a afetividade vem antes das funções estruturais cognitivas, compreendemos que as fases afetivas correspondem minuciosamente às fases de desenvolvimento estrutural; quer dizer, são correspondentes, mas não são sucessivas.

A elaboração de uma nova psicologia, baseada no materialismo dialético e histórico, foi considerada e proposta por Vigotsky (LA TAILLE, 2002), que aperfeiçoou suas pesquisas sobre a funcionalidade dos aspectos cognitivos, dando destaque para a consciência e as funções mentais. Usando o termo “função mental”, Vigotsky refere-se a alguns processos, tais como: percepção, pensamento, memória e atenção. A dinâmica da organização da consciência é aplicada ao intelecto e ao afeto. Vigotsky (1982, apud LA TAILLE, 2002, p. 76) afirma que “o pensamento tem sua origem no campo da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção”.

Estando ligada diretamente com a emoção, a afetividade tem como consequência a aptidão de designar o modo como a pessoa interpreta o mundo, como também o modo com esta interage no meio dele. As experiências e fatos acontecidos na história de um indivíduo lhe fornecem recordações e lembranças por toda sua vida. Deste modo, a falta ou presença da afetividade institui a maneira com que uma pessoa se desenvolverá. Origina também a autoestima dos indivíduos a partir de sua infância,



pois quando o afeto é repassado para uma criança, ela crescerá e conseguirá se desenvolver com segurança e determinação.

As circunstâncias podem ou não serem transformadas pela afetividade, pois esta é uma condição psicológica da mente humana. De acordo com Piaget (2001), esta condição psicológica exerce muita influência na aprendizagem e no comportamento das pessoas, paralelamente ao desenvolvimento cognitivo. Ela está presente em desejos, emoções, valores, interesses e sentimentos, ou seja, em todas as áreas da existência, em todo seu processo histórico existencial. Ainda segundo Piaget (2001, p. 47), “o afeto é uma sensação de grande relevância para a saúde mental de cada ser humano por afetar o desenvolvimento como um todo, o desenvolvimento cognitivo e o comportamento”.

Como sabemos, a Psicologia do Desenvolvimento é a base do estudo científico de como o ser humano muda e de como este também continua “imutável” desde seu nascimento até a morte. É evidente que essas transformações são mais claras na infância, mas elas ocorrem durante todo o transcorrer da vida; o período da infância é repleto de esperanças e aspirações pelo futuro.

Áreas bem distintas analisam e estudam a infância: Pedagogia, Pediatria, Fonoaudiologia, Psicologia, entre outras. No decorrer do tempo percebemos o papel social que uma criança desempenha em relação à outra, mostrando transformações e rumos indispensáveis na compreensão de ser reconhecida, por isso, é pela educação que a criança se transforma numa pessoa responsável e plenamente consciente de suas atitudes.

Para Wallon (2003), é através de suas novas ligações sociais que a criança interagirá com outros exemplos de pensamentos, comportamento, conteúdos e valores sociais. Esse descobrimento do mundo acontece partindo do real até o mental. O desenvolvimento intelectual, em grande parte, é função de um meio social. O modo como a sociedade está socializando o educando é, na verdade, a maior preocupação, e não como este se socializa. Assim, é muito contraditório o conceito moderno de infância. Por muitas vezes a criança é tida como um ser inocente e puro, sem o mínimo senso de criação ou incapaz de ações que não seja conduzido, que precisa estar sempre protegido. Em outras circunstâncias a criança é vista como uma criatura de más

qualidades, cuja criação é necessária para adequá-la e torna-la útil para a sociedade em que convive (BERCHT, 2001; OLIVEIRA, 2002).

Segundo Tiba (2002, p. 73),

Desde que a criança é muito pequena, tem que partir de casa a formação da cidadania. Portanto, a educação familiar adquire um alvo para onde deve-se apontar todas as orientações, os ensinamentos exigidos, os direitos e deveres, relacionamentos de afeto e de custo/benefício, as práticas dos valores cidadãos e aprendizados profissionais e pessoais, tudo num processo bem mais racional que emocional.

Desse modo, podemos apontar como sendo funções da família:

- Garantir que as crianças tenham cuidados e sejam protegidas;
- Possibilitar as condições necessárias para que elas evoluam como seres humanos;
- Contribuir na socialização dos filhos, no que diz respeito aos valores constituídos pela sociedade;
- Auxiliar e orientá-las durante todo o processo escolar e de progresso no aprendizado em outros ambientes, o que é chamado de instruções sociais;
- Proporcionar condições para que as crianças tornem-se pessoas equilibradas emocionalmente, com habilidade em manterem laços afetivos respeitáveis e satisfatórios consigo mesmo e com os outros membros da sociedade.

Com relação à afetividade além da idade infantil, Piaget (2001, p. 32) declara: “O homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade, e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis.” (PIAGET, 2001, p. 12).

Portanto, podemos observar que o conhecimento se encontra na relação, no envolvimento, entre o ser e o objeto – o indivíduo e o meio. É na maneira que uma pessoa age que se cria sua capacidade de conhecer, originando e procurando seu saber próprio. Mesmo que tenham existido diferenças nas experiências vividas pelos sujeitos, este assegurou o fato de que o caminho para o desenvolvimento é o mesmo sempre, como uma sequência que não pode ser evitada. O ambiente, o meio em que a

pessoa vive e suas experiências de vida, faz com que ela consiga distinguir suas atitudes de sucesso ou fracasso na aquisição de novos saberes.

Segundo Vigotsky (1991, p. 107),

O aprendizado e o desenvolvimento inter-relacionam-se desde o nascimento. Como sujeito, o ser apropria-se das figuras culturais já existentes e, logo em seguida, traz para dentro de si e constrói outros conceitos que irão lhe dar chances de um desenvolvimento bem mais intrincado. É sob essa questão que se estabelece uma facilidade de se tornar interno sua relação com os demais indivíduos e o meio em que convive.

Wallon (2003) também declara que a origem da inteligência é genética e socialmente orgânica. O aprendizado da criança é cheio de controvérsias, conflitos e não segue uma linha contínua, demarcado pelo contexto ambiental, da sociedade e da família que a criança está inserida ao longo de seu desenvolvimento como pessoa, no período de suas mudanças e experiências vividas.

Diante de teorias de renomados estudiosos, podemos observar que se deve ter bastante cuidado durante as etapas do desenvolvimento cognitivo para que cada criança não tenha sua personalidade rotulada, pois cada ser humano tem suas individualidades e características próprias, demonstrando um ritmo todo pessoal para o seu desenvolvimento. Como já dissemos aqui, cada fase de desenvolvimento necessita de vários fatores, tanto físicos, emocionais, sociais, quantos outros que exercem considerável influência na mudança de uma fase para outra e assim sucessivamente.

### 3 AS RELAÇÕES AFETIVAS NAS SALAS DE AULA DA PRÉ-ESCOLA

Para que possamos compreender melhor esta situação tão frágil e importante que denominados de “relação professor e aluno”, faremos uma rápida análise das ideias de dois grandes nomes da Pedagogia: Paulo Freire e Henri Wallon.

De acordo com Freire (1994, p. 37) “não há educação sem amor”. Sem dúvida alguma ele apontou a direção certa, pois educar sem amor incide na simples execução de uma tarefa profissional, numa comum garantia de sobrevivência salarial, em um mero registro de livro de ponto ou registro de carga horária. Portanto, podemos afirmar que o legítimo educador que trabalha com sinceridade faz isso com alegria, doação, garra e vontade, isto é, com muita satisfação e prazer naquilo que faz (LEITE, 2006).

Segundo a teoria walloniana, tratar da afetividade no que se refere à educação, principalmente na relação entre professor e aluno, é discorrer de como se administram as emoções, com a conduta disciplinar e como trabalhar com o conflito entre o “eu” e o “outro”. É necessário destacarmos que esse conflito entre eu/outro ocorre em dois períodos bem diferentes da vida do aluno: Durante a infância e depois na adolescência. Para a criança, os problemas acontecem com as variadas interferências da família, pois a ela é sua primeira noção de grupo, comunidade, antes do ambiente escolar, ou de qualquer outro ambiente frequentado por esta em sua vida. Já para o adolescente, o conflito ocorre com a estranheza de si mesmo com o mundo que o cerca. Desta maneira, a sociedade acaba influenciando o desenvolvimento psíquico do discente (LEITE, 2006).

Os professores devem prestar atenção e ter consciência de seus deveres como educadores. O ambiente escolar, com sua rotina no dia a dia da sala de aula, onde em certos instantes revela-se num ambiente hostil, sério e frio para os alunos, necessita ser reinventado, sendo mostrado de uma maneira bem mais amena e amigável (CARVALHO, 2006).

Quando ocorre da grande maioria dos deveres de sala de aula exigir que o educando fique parado e imóvel, com sua atenção voltada para a direção do que é explicado pelo professor, certamente este lugar não será nem um pouco atrativo para ele. Não é nada difícil, nesse clima de seriedade e frieza, a criança comportar-se de um

modo indiferente ou hostil em relação à atmosfera em sala de aula ou ao próprio professor. Diante desse quadro conflitante frequentemente visto na escola, o docente pode fazer uma enorme diferença. Se este professor tiver conhecimento dos conflitos entre o “eu” e o “outro” na concepção da personalidade do educando, com certeza, ele irá conseguir conduzir a relação e aceitará com mais calma estes estímulos, não levando os mesmos pelo lado pessoal.

Segundo Wallon ( 2003, p. 85),

O professor precisa compreender o aluno e seu universo sociocultural. Mas conhecer esse aluno (e seu universo) implica em uma pré-disposição de amá-lo. Cabe ao professor investigar mais esse aluno e, ao longo de sua formação, não deixar que esse educando acumule raivas ou questionamentos. Hoje muito se sabe que o lado intelectual caminha de mãos dadas com o lado afetivo.

Desse modo, podemos entender que a relação professor/aluno precisa ser amigável, de respeito e sintonia entre ambos, de trocas solidárias, não se permitindo de modo algum uma convivência opressora e agressiva, que cultive a zanga e o temor na sala de aula.

O bem estar do discente precisa ser sempre mantido pela prática pedagógica. Quando o educador puder entender a força dessa didática do amor e toda a satisfação gerada por ela, os alunos aprenderão muito mais, com maior facilidade e prazer e, ao mesmo tempo de tudo, muito mais professores excepcionais e brilhantes irão marcar a vida dos nossos alunos, deixando qualidades muito positivas (TIBA, 2002).

Ao debatermos as problemáticas de vivência na escola, o relacionamento entre professores e alunos é necessário para que obtenhamos uma aprendizagem proveitosa; desta maneira, Freire diz que (FREIRE, 1994, p. 64):

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade de pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que eu mando e não o que eu faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.

Mesmo sendo difíceis, as relações humanas são itens valiosos na realização de uma pessoa, tanto no que se refere a vida profissional quanto pessoal. Neste contexto, a observação da relação entre professor e aluno traz interesses e intenções, sendo que

esta influência mútua torna-se o gerador de consequências valiosas para os envolvidos, especialmente para os discentes, isso por que a educação se mostra como uma das mais ricas fontes de aperfeiçoamento do comportamento e da união de valores nos elementos que integram a composição do indivíduo.

Desta maneira, as trocas que se formaram se caracterizam por conta da seleção dos conteúdos, modificação da didática para tornar a compreensão dos alunos mais acessível, organização e explanação onde o docente apresentará os mais diversos conteúdos.

Na verdade o docente não deve somente preocupar-se com a aquisição de saberes, mas igualmente por todos os processos que agrupam a construção da cidadania do alunado. Para que isso aconteça é preciso que o docente tenha a consciência de que seu papel é facilitar a aprendizagem, que deve procurar mostrar-se apto para experiências novas, procurando entender, num envolvimento de parceria, semelhante às dificuldades e emoções dos seus alunos e procurar incentivar a auto realização destes (FREIRE, 1994).

Encontramos Carvalho (2006, p. 55):

De maneira prática, não devemos achar que a formação do saberes é compreendida como apenas pessoal. O conhecimento é o resultado de atividades e do conhecimento humano identificado cultural e socialmente. O professor tem como papel agir como intermediador entre os conteúdos previstos para a aprendizagem e as atividades construídas para a assimilação desses dados.

A relação entre o professor e seus alunos, e sua atuação na sala de aula, se avalia pelo relacionamento que este tem com a cultura e a sociedade em que está inserido. As particularidades das atitudes do professor e sua personalidade auxiliam em um bom relacionamento com o aluno, aperfeiçoando o processo de ensino-aprendizagem.

### 3.1- A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NA AUTO-ESTIMA DA CRIANÇA

Mesmo sendo importante a existência de afetividade, que pode ser compreendida como confiança, respeito e empatia, entre o professor e o seu aluno, para que se consiga trabalhar a leitura, a escrita, a reflexão, o aprendizado e a pesquisa independente; ao mesmo tempo os professores não devem permitir que estes sentimentos atrapalhem e nem interfiram no cumprimento legal do suas atividades como professor.

De acordo com Cury (2006, p. 86-9), “os professores precisam deixar de serem bons e se tornarem fascinantes para que suas aulas e conteúdos façam sentido e possam ser assimilados por seus alunos”. Este autor afirma também que são sete os pecados capitais dos professores. A seguir, faremos um breve resumo desses “pecados”, pois achamos interessante que sejam considerados pelo Pedagogo e que este possa retransmiti-los aos educadores, para que estes evitem cometer algum desses erros no que diz respeito ao relacionamento com o alunado: (CURY, 2006, p. 86-9)

- Corrigir publicamente - Causa um clima desagradável para todos os presentes, além do trauma que a pessoa terá que enfrentar dali em diante. O ideal continua sendo conversar e levar a pessoa a refletir sobre seu ato em particular;
- Expressar autoridade com agressividade - A autoridade dos pais e professores deve ser conquistada com inteligência e amor. Expressar autoridade com agressividade nos faz ser respeitados por temor e não pelo reconhecimento do nosso caráter;
- Ser excessivamente crítico, obstruindo a infância da criança - Através dos erros e falhas também aprendemos. Devemos deixar nossos filhos e alunos experimentarem, errarem, para poderem pensar a respeito e descobrirem o mundo que os rodeia. Crianças se desenvolvem através de brincadeiras, corridas, quedas e travessuras. Enclausurar uma criança num conjunto de regras adultas só contribui para que ela seja um adulto infeliz;

- Punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações - Punir num momento de ira significa que você está tentando se vingar do erro do seu filho ou aluno. Busque sempre compreender a situação e leve a criança a refletir sobre o que fez. As explicações são sempre necessárias. Mesmo que você parta para punição física, esta deve ter um valor simbólico que a criança tem de compreender;
- Ser impaciente e desistir de educar - Quando o jovem ou a criança parece não ter jeito, falta-nos paciência. As dores vividas por eles e seus pedidos de ajuda, carinho e conforto são das mais variadas formas, até com agressividade. Nessas horas, temos que acreditar e investir para que não se percam nos seus mundos de sofrimento;
- Não cumprir com a palavra - Saber dar um não é uma forma de educar as emoções, desde que uma vez dada a palavra, esta não volte atrás. As frustrações vividas por um não recebido ensinam ao jovem que nem tudo que ele desejar, obrigatoriamente alcançará. Devemos sempre cumprir com o que prometemos ou falamos, do contrário, cairemos em descrédito e estaremos deixando nossos filhos e alunos despreparados para esse tipo de situação em suas vidas;
- Destruir a esperança e os sonhos - Com sonhos e esperanças temos razões para viver. O jovem sem motivação torna-se opaco, sem alegria. Como educadores das emoções, jamais devemos fazer críticas severas às pessoas.

Deste modo, a relação entre professores e alunos depende, sobretudo, da atmosfera estabelecida pelo educador, de sua reciprocidade com o aluno, de seu atributo em ouvir, refletir e discutir sobre a condição de concepção dos alunos e da criação de trilhas entre o seu conhecimento e o destes. Mostra ainda que o professor



deve procurar ensinar para as mudanças, para a independência, para a provável liberdade num envolvimento mundial, interagindo com o lado positivo do aluno e para a habilitação de um cidadão pleno de seus deveres, obrigações e responsabilidades.

Mesmo sendo restringida por vários aspectos tais como, por exemplo, conteúdos, programas, regras constantes, delimitação de tempo e infraestrutura do prédio, é a relação professor e aluno que vai nortear o processo educacional. Do modo pelo qual esta relação acontece, a aprendizagem do educando pode se efetuar aproximadamente de uma maneira dirigida e promovida para outro ponto. Como em qualquer outra relação, esta também pode se constituir por duas vertentes: Professor e aluno, e depende desses dois elementos estabelecer o “clima” deste relacionamento. Entretanto, como uma ação diferente é desenvolvida por cada um em sala de aula, ficando com o educador a responsabilidade de tomar a maior parte das iniciativas, regendo o “tom” no estabelecimento desta relação, tornando-o mais agradável e afetuoso.

Profundamente interligada ao sensorial e ao intuitivo, a afetividade é um aspecto importante do conhecimento. Ela se revela em uma atmosfera de reciprocidade, gosto, acolhimento, desejo, inclinação, paixão, de compreensão e de carinho para a própria pessoa, para com seu próximo e para com o objeto do conhecimento. A afetividade torna as interações mais eficazes, da mesma maneira como também dinamiza as buscas, as trocas e os resultados. Facilitando a comunicação, ela comove os integrantes, gerando união e harmonia (BOFF, 2009).

De acordo com Chalita (2003, p. 92),

O ambiente afetivo nos segura totalmente, nos envolve plenamente, multiplicando nossas potencialidades. O homem da sociedade moderna, por ter uma relação tão apegada com os meios de comunicação e por ser um solitário no meio do caos urbano, é bastante sensível às expressões de comunicação que destacam os apelos emocionais, bem mais do que os racionais e lógicos.

O Pedagogo, em sua metodologia, precisa adotar mais atividades participativas e dinâmicas, como as de autoconhecimento que originam temas mais próximos ao cotidiano dos educandos, as de comunicação como, por exemplo, o teatro ou a produção audiovisual, e as de cooperação, como os trabalhos em grupos e as criações coletivas (CHALITA, 2003; MORAN, 2009).

No trabalho com educação podemos ajudar o discente no desenvolvimento de suas aptidões, dentro, é claro, de suas limitações e possibilidades. Porém, para isso deve-se pôr em prática a Pedagogia da “Compreensão” contra a Pedagogia da “Intolerância”, do pouco valor aos menos inteligentes, da severidade, a do pensamento egoísta, dos inábeis, precários ou frustrados.

O que todo Pedagogo deve saber é que o docente não é habituado a ter uma formação emocional e/ou afetiva. Por isso tende a observar com maior frequência os erros que os acertos. A falta de valorização profissional, ou o pouco prestígio ao seu trabalho, também trás prejuízos para a autoestima do educador. Se estes não trabalharem sua própria autoestima, se não forem valorizados por si mesmos, se não sentirem-se bem como profissionais e pessoas, muito pouco poderão fazer num contexto que aborde o afeto como procedimento de atuação pedagógica.

Para Moran, é preciso que pratiquemos a chamada Pedagogia da Inclusão. Segundo suas palavras (MORAN, 2009, p. 42),

A inclusão não se faz somente com os que ficam fora da escola. Dentro da escola muitos alunos são excluídos pelos professores e colegas. São excluídos quando nunca falamos deles, quando não os valorizamos, quando os ignoramos continuamente. São excluídos quando supervalorizamos alguns, colocando-os como exemplos em detrimento de outros. São excluídos quando exigimos de alunos com dificuldades de aceitação e de relacionamento, resultados imediatos, metas difíceis para eles no campo emocional. Há uma série de obstáculos no caminho: a formação intelectual valoriza mais o conteúdo oral e textual, separando razão e emoção.

Como sabemos, é impossível alguém oferecer aquilo que não possui. Por isso é preciso realizar ações com educadores e gestores para técnicas e sensibilização de autoconhecimento e autoestima, tais como: Assistir aulas ou palestras de Psicologia, com técnicos capacitados em orientação pedagógica, para seu autoconhecimento; desenvolver atividades para que os discentes e educadores desenvolvam sua autoestima, sua autoconfiança, que acreditem em si mesmos e tenham respeito próprio, que descubram, sintam e aceitem sua própria valorização pessoal e a do seu semelhante.

Deste modo vai ser muito mais fácil aprendermos e interagirmos com os outros. Sem esse alicerce de autoestima, professores e alunos não se sentirão completos,

prontos para relacionarem-se e se enfrentarão como rivais em lados contrários, quando, na verdade, deveriam aceitar-se como companheiros no processo de ensino-aprendizagem (BOFF, 2009; SANTOS, 2012).

### 3.2 - FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Nos últimos anos muitas coisas mudaram e acabaram influenciando a Educação, a independência feminina foi uma delas. Tempos atrás, maior responsável por educar, criar e cuidar dos filhos, a mulher hoje abandonou o lar e saiu na disputa com o homem, “peito a peito”, por seu lugar no mercado de trabalho, que fica competitivo cada vez mais. As garotas agora já não brincam apenas de casinhas e bonecas, as mocinhas não vivem mais a sonhar com a chegada do “príncipe encantado”, elas buscam por igualdade de direitos e deveres, os quais foram tão negados às gerações femininas passadas.

Diante de tantas revoluções de costumes ocorrendo, a sociedade pergunta: “Quem fica com a função de educar as crianças, fica com a escola?” Infelizmente, a resposta a essa questão é “sim”, a escola tem assumido cada vez mais as obrigações que eram reservadas antes para os pais e para a família. E, possivelmente por esse acrescentamento de seus deveres, a escola não esteja conseguindo seguir o avanço da sociedade e não esteja atendendo o que a sociedade e os pais aguardam dela: A total formação do indivíduo e do cidadão (FURLANI, 2005; SILVA, 2012).

Encontramos em Boff (2009, p. 75-6):

Por ser um profissional o educador tem a obrigação de entregar seu produto, no caso o cidadão/aluno, de forma satisfatória para seus clientes, aqui sociedade/pais. No decorrer da história da educação, isso sempre aconteceu: A escola prepara as pessoas de acordo com os modelos almejados por toda a sociedade. Por isso já tivemos as escolas tecnicistas, renovadoras, bancárias, construtivistas, tradicionais etc., tudo de acordo com o momento vivido pelo país ou pelo mundo em geral.

É necessário revermos uma escola nova que resulte da união entre a velha escola e a nova, com capacidade para criar mentalidades que pensam, com

conhecimentos e direcionadas para a formação do profissional, evolução do homem como ser possuidor de afeto, de emoções, religiosidade, cidadania etc.

Baseados neste contexto, compreendemos que é preciso acontecer o surgimento de um novo profissional docente. Um profissional que esteja pronto para oferecer aos seus discentes as mais variadas metodologias que lhes possibilite desenvolver suas habilidades e capacidades de uma maneira mais completa possível, garantindo sua formação total. Assim, o relacionamento entre professores e alunos se torna um assunto de debates necessários em encontros e reuniões para planejamento, em escolas, instituições universitárias em todos os momentos onde se aborde melhorias para a Educação (CARVALHO, 2006; SANTOS, 2012).

Como analisa Boff (2009), hoje em dia existe um abandono pela vida das crianças, pelo futuro dos marginalizados e dos menos favorecidos, pelos aposentados e desempregados, um descaso e descuido dos ideais de generosidade, da sociabilidade... Enfim, terá que haver um novo acordo global de paz entre todos os seres humanos na esperança de salvarmos a nós mesmos e o nosso mundo.

Porém, num mundo de acelerada globalização, onde cada pessoa luta apenas por si mesmo para continuar a viver, pouco a pouco os valores vão sendo abandonados e a vida tornando-se uma confusão. Precisamos, segundo Chalita (2003, p. 97), “deixar que a fantasia e a energia da criança que existe em cada um de nós ajude-nos a formar, informar, transmitir saberes e afeto para que não deixemos de ser humanos, capazes de sentir, de cuidar, de amar”.

Para Furlani, as características culturais, afetivas e de personalidade do educador se conflitam, ocasionando modelos pelos quais ele se posiciona em relação ao aluno (FURLANI, 2005, p. 34-5):

Modelos autoritários - Ausência total de diálogo. O professor é aquele que sabe, que ensina, que fala, que informa, que transmite os conhecimentos para o aluno, que é passivo, um mero recebedor de conteúdos; Modelos permissivos - Total liberdade de expressão. Os alunos são ouvidos e observados, mas não há imposição de limites, um direcionamento dado pelo professor, uma vez que faltam objetivos educacionais mínimos estipulados em planejamento para serem atingidos; Modelos democráticos - O meio-termo entre os modelos permissivos e os autoritários. Aqui há a existência do diálogo, o conhecimento é desenvolvido, elaborado e reelaborado a partir da interação entre o professor e o aluno, tendo por base suas experiências.

Segundo o autor supracitado, o modelo democrático ainda é uma ilusão, ainda esbarra em barreiras para ser introduzido nas escolas, pois a própria sociedade do nosso País é cheia de modelos repressores e autoritários que influenciam as vivências dos alunos (FURLANI, 2005).

A verdade é que o mundo e a educação da época de nossos antepassados não podem mais serem revividos. No entanto, como diz Chalita (2003, p. 56), “os valores do amor, da coragem, da esperança, do trabalho, da humildade, da sabedoria, do respeito, da amizade, do idealismo e da solidariedade” devem ser resgatados, instruídos, adequados por todos que, um dia, gostariam de voltar aos tempos da infância, onde a sociedade via a educação com outros olhos.

Analisando as questões relacionadas com a afetividade na escola, percebemos o papel que esta concebe para um processo de ensino e aprendizagem satisfatório, entendemos que a afetividade é a junção de todos os sentimentos e que saber trabalhar de maneira apropriada com todas essas emoções é o que vai permitir a pessoa uma vida emocional mais completa e equilibrada, para consigo mesmo e para toda a sociedade em que se insere.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Prestes a finalizarmos nosso Estudo, é importante que façamos uma abordagem da metodologia de pesquisa que foi empregada para a produção do mesmo.

Como sabemos, pesquisa significa a mesma coisa que procura ou busca. Assim, pesquisar é o mesmo que buscar ou procurar resposta para alguma questão. No que se refere a produção de conhecimento, ou seja, a Ciência, a pesquisa pode ser compreendida como a procura pela solução de um problema que alguém queira responder. Pesquisa é, podemos dizer, o percurso para que se chegue à Ciência, ao conhecimento.

Foi durante a pesquisa que utilizamos ferramentas diferentes para se obter uma resposta mais precisa. O instrumento mais adequado deve, para tanto, ser avaliado pelo pesquisador para se alcançar os resultados ideais.

Segundo Andrade (2009, p. 26),

Uma pesquisa é um processo sistemático de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar novos conhecimentos, e/ou corroborar ou refutar algum conhecimento pré-existente. É basicamente um processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza quanto da sociedade na qual esta se desenvolve. A pesquisa como atividade regular também pode ser definida como o conjunto de atividades orientadas e planejadas pela busca de um conhecimento. Ao profissional da pesquisa (especialmente no campo acadêmico), dá-se o nome de pesquisador.

Portanto, este último Capítulo dispõe-se a apresentar as etapas e procedimentos que foram empregados durante a pesquisa, como veremos a seguir.

### 4.1. TIPO DE PESQUISA

De acordo com Sá (2004), as pesquisas podem classificar-se de acordo com sua forma de estudo ou com seus objetivos. Com relação a esse último critério de classificação, nosso trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Andrade (2009, p. 34), “é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou

adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado”.

A pesquisa bibliográfica utiliza a leitura, a análise e a interpretação de livros, periódicos, documentos e mapas, entre outros materiais impressos. Todo material levantado deve submeter-se a uma separação, a partir da qual será possível determinar um plano de leitura, que deve ser efetuada de um atencioso e sistemático, acompanhado de anotações que, certamente, servirão para a produção da fundamentação teórica do estudo.

Por esse motivo a pesquisa bibliográfica deve ser uma constante tanto na vida profissional de pesquisadores e professores, quanto na dos estudantes e acadêmicos. Isso porque esse tipo de pesquisa tem como objetivo principal conhecer as variadas contribuições da Ciência acessíveis sobre um tema específico. Para Sá (2004, p. 28), “ela dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final”.

Destacado o papel da pesquisa bibliográfica na elaboração de um trabalho científico, fica evidente a importância de um trabalho voltado para esse passo inicial, pois, assim como as outras etapas do processo de investigação científica, a pesquisa bibliográfica também possui alguns critérios para sua realização.

#### 4.2. RECURSOS DA PESQUISA

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, este trabalho contou, para a produção de seu embasamento teórico, com a consulta em obras relacionadas ao assunto, periódicos e páginas da internet que abordam as temáticas discutidas aqui.

De acordo com Cervo e Bervian (2006, p. 40),

Para efetuar esse tipo de pesquisa, deve-se fazer um levantamento dos temas e tipo de abordagens já trabalhadas por outros estudiosos, assimilando-se os conceitos e explorando-se os aspectos já publicados, tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, videotecas, na internet, entre outras.

Desse modo, utilizamos as fontes de informação disponíveis para fazermos o levantamento bibliográfico de nossa pesquisa. Sobre a utilização da internet como ferramenta para a pesquisa bibliográfica, encontramos em Cordeiro (2009, p. 42): “A internet é um enorme banco de dados, é um canal de comunicação onde são oferecidos serviços de informação”. Portanto, para expandir nosso campo de estudo, lançamos mão desse importante recurso de pesquisa na elaboração do embasamento teórico deste estudo.

Para o desenvolvimento deste Estudo, foram fontes importantes de pesquisa vários teóricos, tais como: Cury (2006), Freire (1994), Silva (2013), Tiba (2002), Vygotsky (1991), Wallon (2003), entre outros que, com seus valiosos estudos, nos ajudaram a compor a fundamentação teórica deste texto.

#### 4.3. MODALIDADE DE PESQUISA

A modalidade de pesquisa abordada aqui foi a empírica, que é aquela dedicada a codificar o lado mensurável da realidade, ou seja, ocupa-se daquilo que pode ser medido.

Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 46), essa modalidade é a de uma pesquisa voltada para uma “face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural”.

De acordo com Andrade (2009, p. 34), a valorização dessa característica da pesquisa bibliográfica é pela,

Possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural. O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática.

Assim, podemos concluir que a pesquisa empírica é a procura por informações relevantes e convenientes obtidas por meio da experiência/vivência do pesquisador. Ela tem como objetivo produzir novas conclusões através da maturidade experimental de segundos.



#### 4.4. ANÁLISE DOS RESULTADOS: A AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Existe um forte laço que liga o desenvolvimento cognitivo e o afetivo, em todas as etapas do desenvolvimento psíquico infantil, ou seja, existe uma relação muito íntima entre a afetividade e a inteligência.

É importante lembrarmos que é a afetividade que leva a tomada de atitude, ou seja, é a vontade, a motivação e o interesse que atuam como impulsionadores para a conduta, e os apoios de que a criança possui para agir referem-se às funções cognitivas desta. Podemos notar que é desta relação que se considera a afetividade como importância fundamental na constituição da Inteligência; ou melhor, a afetividade refere-se aos desejos, sentimentos, aos valores e vontades, às emoções, que dão apoio às ações.

Segundo Silva (2013, p. 01):

No momento em que a criança encontrar-se perturbada afetivamente por alguma razão e, conseqüentemente, se encontrar triste, ansiosa, com baixa autoestima, desanimada, etc., seu desenvolvimento geral poderá ser afetado com um atraso, pois suas infelizes preocupações convertem suas energias em outra direção.

De acordo com Wallon (2003, p. 45), “cada uma das fases do desenvolvimento apresenta uma construção de estruturas específicas de inteligência que são indispensáveis para que a criança prossiga para a fase seguinte”. Assim, sucedendo-se um conflito afetivo (ou falta de estímulos importantes) pode ocorrer um retrocesso em seu desenvolvimento, pois as estruturas intelectivas, necessárias no pleno desenvolvimento da criança, não evoluíram satisfatoriamente.

Seguindo este contexto, o atendimento educacional e psicopedagógico devem ter como finalidade realizar a avaliação do desenvolvimento cognitivo (as “estruturas de inteligências”) e do afetivo. Partindo dos resultados achados, colocar em prática uma metodologia que intervenha e estimule, através de jogos e materiais diversificados, promover a reabilitação do processo de equilíbrio cognitivo e o desenvolvimento do afeto no discente.

Assim, compreendemos que a afetividade e a inteligência são aspectos que não se separam, relacionados intimamente e que são influenciados diretamente pela socialização, onde toda conduta humana e seu aspecto cognitivo são indissociáveis do aspecto afetivo, que pode ser considerado como o elemento impulsionador da ação que permite o comportamento motivador (GOLSE, 2008; ALMEIDA, 2007).

Como sabemos, na fase da infância, quando as crianças ingressam na escola, muitas delas não veem de um lar estruturado, ou seja, chegam a escola sem nenhum vínculo afetivo, buscando encontrar no professor o que não têm em casa. Por isso é muito importante que o educador saiba lidar com essas situações, buscando conhecer a vida particular de cada criança; para isso é necessário todo um processo até que o mesmo ganhe a confiança dela.

Após o levantamento bibliográfico que nos ajudou a compor as ideias que fundamentou este Estudo, pudemos constatar que são variadas as situações em que a criança é sujeito ativo de suas relações, porém poucas vezes compreendida em momentos relacionados ao seu emocional, levando em consideração que a afetividade, em todo processo evolutivo da criança, é fundamental para que ela venha obter um bom desenvolvimento psicológico, físico e social. Sabemos que o homem é um ser social por natureza (SILVA, 2013). O ato de relacionar-se inicia no nascimento, quando todos passam a fazer parte da sociedade família. Segundo Almeida (2007, p. 65), “no decorrer do desenvolvimento da vida, as pessoas vivenciam diversas situações de convivência, pertencendo aos mais diversificados grupos sociais”.

De acordo com Carvalho (2006, p. 42),

As relações humanas, diversas e complexas, são o alicerce da formação integral da pessoa, portanto os vínculos afetivos desempenham um papel essencial no desenvolvimento de um indivíduo capaz de viver em um mundo em constante transformação e atuar nele.

Assim, é preciso que o pedagogo faça um alerta os profissionais da educação a darem maior ênfase à afetividade no relacionamento entre educador e educando, pois relações de afeto positivas servem de alicerce para a criação de um conhecimento realmente significativo. Deste modo, as instituições de Educação Infantil deveriam conhecer mais da essência humana e dos sentimentos de afeto e carinho do que de

técnicas educacionais e conteúdos curriculares, como nos alerta Chalita (2003, p. 58): “[...] a educação deve ser pensada não através de suas diversas disciplinas, mas, principalmente, como meio de promover a própria vida”.

Portanto, para que o discente da Educação Infantil possa desenvolver-se adequadamente dentro da escola e, conseqüentemente, da sociedade, será preciso que ocorra uma afirmação de relacionamentos interpessoais de caráter prático como, por exemplo, de apoio e aceitação, permitindo, deste modo, o sucesso dos objetivos educacionais.

Para Leite (2006, p. 48-9),

Sem o fator afetivo na relação professor-aluno, corre-se o risco de se trabalhar com a construção do real, do conhecimento, deixando de lado o lado humano, que constitui o sujeito com seus valores e caráter para seu desenvolvimento. O amor, o afeto é a chave para a educação.

Portanto, os educadores precisam valorizar seus discentes dando-lhes carinho, afeto e, principalmente, amor, pois é através desses sentimentos que se constrói a autoestima. Agindo assim, o professor estará proporcionando recursos para que os educandos solucionem os conflitos, resolvam os problemas e enfrentem os desafios. Para que este profissional consiga atingir esse nível de atuação, ele deve conscientizar-se de que a educação provoca reflexões e dinâmica. Neste sentido, Almeida (2007, p. 67) sugere que o educador “deve acompanhar esse processo de mudanças e reflexões, na busca de novos conhecimentos, novos desafios e novas conquistas e através do afeto criar laços de múltiplas aprendizagens”.

Piaget (2001, p. 126) destaca:

O modo como o educador trata o aluno é em sua grande maioria relacionado pelas experiências que este profissional traz consigo da infância, pelo modo como foi tratado e compreendido quando era aluno. Essas experiências, aliadas com o estudo e a análise crítica sobre as metodologias tradicionais, acrescentam em volume e comprimento, a consciência de como se deve trabalhar em sala de aula.

Neste sentido, se o docente passou por uma infância repleta de afetos, esse trabalho será, sem dúvida alguma, muito mais fácil. Porém, isso não implica em dizer

que um professor que não foi educado com afeto quando frequentava os primeiros bancos escolares, não possa demonstrar esse sentimento para com os seus alunos.

Como a afetividade é muito importante em qualquer relacionamento, os professores precisam se questionar, com o objetivo de conscientizarem-se sobre a importante necessidade dessa realidade, a fim de que busquem maiores recursos didáticos para melhorarem neste aspecto. Chalita (2003, p. 62) nos lembra: “Um dos grandes conflitos na relação entre professor e aluno é a dificuldade que o educador encontra em admitir seu percentual de culpa no desgaste desse relacionamento com o aluno”.

Em Carvalho (2006, p. 44) encontramos:

Um dos maiores desafios da carreira de professor é se manter atualizado com as modernas práticas de aprendizagem e criar metodologias didáticas bem mais eficazes, além de apenas concluir um Curso de Magistério ou de Licenciatura em Pedagogia, que são apenas estágios do extenso processo de capacitação profissional.

Com esse pensamento, podemos entender que o docente necessita adquirir uma maior formação, no que refere-se a administração dos conflitos humanos, para poder lidar com os mais variados tipos de alunos que surgem durante seu trabalho como formador de cidadãos (SANTOS, 2013). O professor que lança mão de métodos bem definidos e eficazes é fundamental para possibilitar o aluno no desenvolvimento de sua afetividade e, conseqüentemente, no interesse por aprender e crescer em sua carreira estudantil. Isso permite com que os alunos se sintam prontos e capazes para enfrentar os desafios da vida adulta, controlar emoções conflitantes, elevando sua auto-estima e sua confiança em si mesmo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente Estudo, queremos destacar alguns aspectos que nos levaram a refletir durante toda a elaboração deste. É importante lembrarmos que em qualquer relação, seja ela familiar, pessoal ou profissional, a afetividade deve estar sempre presente e que deve ser aprimorada por todos os setores da sociedade e em qualquer idade, não apenas na escola e na Educação Infantil, como estamos tão acostumados a ver.

Como o afeto é fundamental em qualquer relação, os professores precisam se questionar, com o objetivo de se conscientizarem sobre esse fato, a fim de que procurem maiores recursos didáticos para aperfeiçoarem-se neste aspecto. Um dos grandes problemas na relação entre professor e aluno é a dificuldade que o educador encontra em aceitar sua parcela de culpa na deterioração desse relacionamento com o educando.

De acordo com os estudos bibliográficos para realizar este trabalho, foi possível identificar que os teóricos consultados ressaltam a importância da afetividade para a vida do ser humano em todos os aspectos, como também para o desenvolvimento no âmbito educativo. Isso porque a criança possui uma série de singularidades que precisam ser levadas em consideração no período em que chega a escola, na fase pré-escolar, daí a necessidade da escola, através das relações diárias na sala aula proporcionar maneiras para que ela sinta-se confortável e aconchegada a fim de que seu processo de adaptação no ambiente escolar não seja um processo sofrido para a criança, ausente de carinho e afeto.

O educador precisa adquirir uma maior formação, no que diz respeito à administração dos conflitos humanos, para poder lidar com os vários tipos de alunos que surgem durante sua atuação como formador de cidadãos. O professor que lança mão de métodos bem definidos e eficazes permite com que os alunos se sintam prontos e capazes para enfrentar os desafios da vida adulta, controlar emoções conflitantes, elevando sua autoestima e sua confiança em si mesmo.

Sendo assim chegamos a conclusão de que a afetividade precisa ser entendida como ato de respeito e acima de tudo amor, pois não pode existir educação sem amor,

e essa afetividade se revela através de gestos e atitudes do professor em reconhecer o potencial da criança e valorizar a bagagem que esta traz consigo resultado da sua vida antes de adentrar a escola. Tendo consciência que o seu papel não se resume à transmissão dos conteúdos, deve proporcionar a criança, um ambiente educacional agradável, sadio, harmonioso e afetivo para que o mesmo desenvolva-se plenamente.

Então, é inegável a influência exercida pela afetividade no desenvolvimento cognitivo e social da criança, pois contribui de maneira significativa no desenvolvimento aprendizagem, fica evidente que a criança se interessa por aquilo que gosta, daí podemos concluir que existe um vínculo entre aprendizagem e afetividade, como também contribui na interação social da criança, de modo que ela possa se relacionar com os demais colegas de sala, com a comunidade escolar, familiares e amigos, isto realmente acontece quando a criança sente que o professor se preocupa com ela e com sua história de vida.

Refletimos sobre as contribuições que a afetividade pode trazer ao ambiente escolar, analisado as dificuldades apresentadas pelos professores em desenvolver uma relação de afeto com seus alunos e sua influência no bom desempenho do discente, enfatizando as experiências do profissional da Pedagogia.

Este trabalho abriu diversas possibilidades para a busca de experiências práticas, pois só a teoria não é o suficiente para satisfazer as aspirações de quem pretende compreender cada vez mais a natureza dos sentimentos e relações humanas, principalmente no que se refere ao ambiente escolar.

Por fim é indispensável ressaltar que o educador entenda o significado de afetividade e passe a trabalhar da melhor maneira possível a fim de facilitar o processo de adaptação e vivência na pré-escola, uma vez que se configura um momento bastante delicado para criança por ser o primeiro ambiente socializador que a criança participa fora do convívio familiar.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. C. de. **A afetividade do educador**. Revista Pedagógica. Vol. 21. n. 48, 2007.

ALMEIDA, A. R. S.. **A emoção na sala de aula**. São Paulo. Papirus, 1999.

ALMEIDA, A. R. S.. **A emoção na sala de aula**. São Paulo. 2º Edição. Papirus, 2001.

ANDRADE. M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BERCHT, M. **Em direção a agentes pedagógicos com dimensões afetivas**. Instituto de Informática. UFRGS. Tese de Doutorado. Dezembro, 2001.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 2009.

CARVALHO, K. de. **Afetividade na escola: novas perspectivas, outras percepções**. Salvador: EDUFBA, 2006.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. Ed. São Paulo: Makron Books, 2006.

COLL, C. Contribuições da Psicologia para a Educação: Teoria Genética e aprendizagem escolar. In.: LEITE, L. B. (org.). **Piaget e a Escola de Genebra**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CORDEIRO, D. **Ciência, pesquisa e trabalho científico: uma abordagem metodológica**. 3. ed. Goiânia: UCG, 2009.

CHALITA, G. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações**. São Paulo: Ed. Gente, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente. 2001

CURY, A. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. 5. ed. São Paulo: Sextante, 2006.

CURTY, M. G.; CRUZ, A. da C. **Guia de apresentação para trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. Maringá: Dental Press, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: edição Histórica de 100 Anos**. 5. ed. São Paulo: Positivo, 2010.

FREIRE, P. **Minha primeira professora**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FURLANI, L. M. D. **Entendendo a pedagogia do afeto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GOLSE, B. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LA TAILLE, Y. de (Org.). **Piaget, Vigotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 8. ed. São Paulo: Summus, 2002.

LEITE, S. A. da S. (Org.) **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos**: Novos desafios e como chegar lá. 4. ed. Papirus, 2009.

OLIVEIRA, M. K. de. O Problema da afetividade em Vigotsky, In: LA TAILLE, Y; DANTAS, H; OLIVEIRA, M, K. **Piaget, Vigotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 5. ed. São Paulo: Summus, 2002.

PIAGET, J. **Inteligência e afetividade**. 12. ed. Buenos Aires: Aique, 2001.

PIAGET, J. **Problemas da psicologia Genética**. In:\_\_\_\_\_. Os pensadores: São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SÁ, E. S. de. **Manual de normalização de trabalhos técnicos, científicos e culturais**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

SANTOS, M. N. dos. **Pedagogia do afeto**. Disponível em:  
<<http://www.unipe.br/blog/psicologia/?p=18>> Acesso em: 14/Jun/2013.

SILVA, L. N. **Afetividade, escola e família**. Disponível em:



<<http://www.webartigos.com/articles/10043/1/>> Acesso em: 23/Jun/2013.

SILVA, O. (Coord.). **A escola e a família:** duas pedagogias na formação dos sujeitos sociais. Disponível em:

<<http://www.webartigos.com/articles/10043/1/>> Acesso em: 07/Jun/2013.

TIBA, I. **Quem ama, educa.** São Paulo: Editora Gente, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes. 2000

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 7. ed. São Paulo: Edições 70, 2003.